

OFICINA SOBRE A SURDOCEGUEIRA: EXPERIÊNCIAS NO 17º MPU/FURG

HENIANE PASSOS ALEIXO¹; MELISSA NOVACK OLIVEIRA RIBEIRO²;
CAROLINA MACEDO DE VASCONCELOS³; THAIS PHILIPSEN GRUTZMANN⁴

¹ Escola Especial Professor Alfredo Dub – henianea@gmail.com

² Universidade Federal de Pelotas – melissanovack@msn.com

³ Escola Especial Professor Alfredo Dub – cakovasconcelos@gmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – thaisclmd2@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho é um relato de experiência que foi realizada no ano de 2018 durante a 17º Mostra da Produção Universitária (MPU), na Universidade do Rio Grande (FURG). Este evento é um momento de divulgação e promoção de saberes universitários e, também, de incentivo a diversos setores como extensão, ensino, pesquisa, inovação tecnológica e cultura da região sul, um ambiente criado para troca de experiências e aperfeiçoamento metodológico.

Desta forma as autoras enviaram uma proposta de oficina para a Mostra com o intuito de, em pequenos grupos, conseguir fazer a divulgação da surdocegueira para que os participantes tivessem ciência dessa deficiência única.

Durante a oficina conheceram as suas classificações (WATANABE, 2017), aprenderam que a surdocegueira pode surgir em diversos momentos da vida de uma pessoa (MAIA, 2004), conheceram as diversas formas de comunicação utilizadas por pessoas com surdocegueira, como a Libras Tátil e o Tadoma, por exemplo. Ao conhecerem sobre a surdocegueira, a proposta é que possam tornar-se multiplicadores, difundindo o conhecimento sobre essa deficiência que embora presente na sociedade é pouco conhecida.

Além de trabalhadas as noções básicas da surdocegueira foram oportunizadas aos participantes experiências sensoriais, privando os participantes da visão e da audição.

2. METODOLOGIA

Inicialmente foi realizada uma breve exposição teórica do assunto, falando sobre o conceito da surdocegueira, as classificações da deficiência, os profissionais que atuam com estes sujeitos e as diversas formas de comunicação. Intercalou-se a exposição teórica as experiências sensoriais para que os participantes pudessem colocar-se no lugar do outro.

Vivenciaram e perceberam o mundo a sua volta de outra forma, sendo privados de dois sentidos sensoriais (visão e audição), a partir da utilização do protetor auricular e de uma venda nos olhos, simulando uma pessoa com surdocegueira. Durante a oficina realizaram algumas atividades sugeridas pelas oficineiras.

Foram oferecidos inicialmente potes com diversos odores, como por exemplo: café, canela, vinagre, cravo, entre outros (Figura 1). Eles foram passados um a um sendo entregue para a pessoa a esquerda, para que todos pudessem ter a experiência.



Figura 1: Experiência olfativa.
Fonte: As pesquisadoras, 2018.

Após, foram passados potes maiores (Figuras 2 e 3), com diferentes materiais para serem manipulados, como areia, algodão, bolinhas de silicone, distintos tipos de grãos, esponja, entre outros, buscando uma percepção tátil destes elementos.



Figura 2: Experiência tátil.
Fonte: As pesquisadoras, 2018.



Figura 3: Possibilidades de experimentação tátil.
Fonte: As pesquisadoras, 2018.

E, por último, em duplas, foram oferecidos alguns jogos, de forma que a atividade seria realizada da seguinte maneira: uma pessoa somente privada dos dois sentidos, e a outra deveria ajudá-la a realizar alguma tarefa, mas a responsável por auxiliar esta pessoa “com surdocegueira” não poderia verbalizar o objetivo de tal jogo, ela deveria buscar uma estratégia de comunicação, para auxiliar sua dupla.



Figura 4: Atividade em duplas.

Fonte: As pesquisadoras, 2018.

Ao final foi entregue uma folha de avaliação com cinco perguntas: 1) Você já tinha algum conhecimento sobre a surdocegueira? 2) Como se sentiu com a experiência da trilha sensorial? 3) Quais dificuldades você percebeu estando privado(a) de dois sentidos (visão e audição)? 4) A partir dessa experiência o que você sabe sobre a surdocegueira? 5) Nos ajude a aprimorar a trilha com sugestões.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na sua maioria, participantes de diversas áreas, sentiram-se desconfortáveis diante da situação, angustiados, com sensação de incapacidade para realizar as tarefas. Com esta vivência foram capazes de se colocar no lugar do outro e perceber que todos têm dificuldades, mas o que limita os sujeitos na escola, na família e na sociedade, é a falta de acessibilidade, assim como não serem percebidos como sujeitos capazes de aprender por consequência de suas deficiências.

Os participantes da oficina foram alunos da graduação de diversos cursos interessados em conhecer sobre o assunto, tornando-se pessoas abertas ao conhecimento e em conhecer seus alunos.

Além de esperar que a surdocegueira fosse divulgada, para que a sociedade a reconheça como uma deficiência única e que estes sujeitos precisam de um atendimento especializado, faz-se necessário saber que as pessoas com surdocegueira têm muitas possibilidades desde que elas sejam oportunizadas.

Um dos alunos não quis participar das vivências, pois ele tinha autismo, e foi respeitada sua vontade, mas o mesmo participou de toda exposição sobre a deficiência. Alguns participantes da oficina disseram terem escolhido esta oficina por serem colegas deste rapaz e por sentirem necessidade de conhecer mais sobre outras deficiências e por sentirem necessidade de saber como lidar com o outro.

4. CONCLUSÕES

Houve uma sensibilização deste grupo de alunos sobre diferentes deficiências e formas de abordagem, onde se mostrou várias possibilidades de inserção dos indivíduos na sociedade, proporcionando diferentes vivências através de outros sentidos, mostrando que nós como sociedade somos capazes de fazer a diferença para nosso aluno desde que tenhamos motivação, e acreditarmos que todos são capazes de aprender, desde que sejam respeitados seu tempo, suas limitações e sua forma de aprendizagem.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MAIA, S. R. **A educação do surdocego**: diretrizes básicas para pessoas não especializadas. 2004. Dissertação (Mestrado em Distúrbios do desenvolvimento) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2004.

WATANABE, D. R. **O estado da arte da produção científica na área da surdocegueira no Brasil de 1999 a 2015**. 2017. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-13062017-112304/>>. Acesso em: 03 set. 2019.